



CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Fundado em 1933. "Estimular, apoiar e promover o estudo de todas as questões sociais, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo dentro da coletividade próspera e livre!"

Rua Dr. Vila Nova nº 81, 4º andar, sala 41-Vila Buarque. Caixa Postal 2066 SP/SP CEP 01060-970
Fone: 0xx11.3362-0663 e-mail provisório: n.batata@uol.com.br

O Centro de Cultura Social e sua Nova Sede

É com muita satisfação que retomamos as atividades do Centro de Cultura Social em sua nova Sede. Aqui cabe algumas linhas sobre sua trajetória, objetivos e meios de ação, esperando despertar no público geral o desejo e interesse por sua obra; torna-se oportuno a reprodução na íntegra de um escrito daquele quem foi um dos seus mais destacados militantes: Jaime Cubero; suas palavras e concepções ainda animam aqueles que continuam sua obra.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

O Centro de Cultura Social de São Paulo foi fundado em 14 de janeiro de 1933 como remanescente das entidades culturais criadas pelo movimento anarco-sindicalista e libertário nas primeiras décadas do século XX.

Quando o fluxo migratório se acentuou a partir dos últimos anos do século passado, os trabalhadores que aqui chegavam, muitos deles saídos da militância anarquista na Europa, ao organizarem suas sociedades de resistência, não só para luta por melhores condições de vida, mas movidos, por ideais de transformação social, passaram a criar seus centros de cultura.

Cada associação, união, liga ou como se chamasse a entidade profissional fundada, procurava criar seu centro, ateneu ou grêmio cultural, transportando para o Brasil a prática do Movimento Libertário europeu e a preocupação permanente dos anarquistas com a educação e a cultura. Criou-se uma vasta rede de entidades culturais entre os trabalhadores, com suas bibliotecas, publicações, elencos teatrais etc. Pouca coisa restou à sanha policial nos longos períodos de repressão, quando as bibliotecas, os periódicos, programas e documentos eram destruídos. Só o zelo e uma resistência em surdina possibilitou a alguns militantes salvar o suficiente para testemunhar a imensa obra desenvolvida. Exemplificamos com algumas entidades, dentre muitas outras, cujo registro e documentos possuímos: Grupo Filodramático Social (1905), Grupo Filodramático do Centro de Estudos Sociais do Brás (1906), Grupo Libertário do Brás (1910), Grupo Aurora Libertas (1911), Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer (1912), Círculo Filodramático Libertário (1914), Centro Feminino Jovens Idealistas (1915), Associação Universidade Popular de Cultura Racionalista (1915), Centro de Estudos Sociais Juventude do Futuro (1920), Grupo Nova Era (1922), Biblioteca Social A Inovadora (1924). Todas de São Paulo. Essas entidades se espalharam pelo Brasil, com predominância em São Paulo e Rio de Janeiro.

A partir de 1930, com o refluir do movimento - por uma conjugação de fatores que não cabe tratar aqui - decidiram os militantes de São Paulo fundar uma entidade que, atendendo aos seus objetivos culturais e educativos servisse de instrumento para desenvolver suas atividades, como marco inicial de uma retomada na caminhada dos ideais libertários. Consta dos estatutos do Centro de Cultura Social que o mesmo tem por finalidade "... estimular, apoiar e promover nos meios populares e, principalmente entre os traba-

lhadores, onde as possibilidades de cultura são limitadas por toda espécie de empecilhos, o estudo de todos os problemas que se relacionam com a questão social". E mais, que o Centro "... trabalhará para desenvolver nos meios populares o espírito de solidariedade,... condena todas as formas de tiranias que prejudicam as liberdades individuais e coletivas; todas as formas de exploração, que anulam as possibilidades econômicas para o desenvolvimento do indivíduo...", e mais, se propõe "... auxiliar a fundação de centros com igual finalidade em subúrbios e em outras cidades, estabelecendo com os mesmos e com as entidades já existentes uma obra de conjunto".

Desde sua fundação o Centro de Cultura Social promove intensa atividade cultural. Já em janeiro de 1933 anunciava a conferência da escritora argentina Concepción Fernandez, subordinada ao título "A Música como Fator de Aproximação dos Povos"; no dia 23 de julho do mesmo ano anunciava grande ato comemorativo do 1º aniversário da morte de Errico Malatesta. Além das conferências, cursos, exposições, montagens teatrais com grupo próprio etc., o Centro de Cultura Social participa de campanhas políticas de envergadura, como a luta antifascista, juntamente com o jornal "A PLEBE" e outros órgãos libertários. Promove comícios, publica panfletos e em sua sede se reúnem os militantes que culminam com o enfrentamento contra os integralistas no dia quatro de outubro de 1934. As lutas dos trabalhadores sempre tiveram o Centro de Cultura Social presente.

Em 1937, em consequência do golpe fascista de Getúlio Vargas, o Centro foi fechado, reabrindo em 2 de junho de 1945 e novamente sustou as atividades no dia 21 de abril de 1969, logo após ser promulgado o Ato Institucional n.º 5, embora houvesse resistido à ditadura militar desde março de 1964 até aquela data, com a criação do laboratório de Ensaio, a mais fecunda experiência do Centro de Cultura Social no campo das artes. Não sendo possível prosseguir, só voltou plenamente à vida ativa a partir de 14 de abril de 1985.

Seria por demais longo e exaustivo fazer um registro, mesmo parcial, da trajetória do Centro de Cultura Social. Um ou outro exemplo citado, quicá os menos ilustrativos, não instrui sobre o essencial: o quanto importante, necessário e fundamental é sua atividade para o desenvolvimento do Movimento Libertário.

AS ORIGENS - O ATENEU LIBERTÁRIO

A palavra ateneu se origina do grego ATHENÁION. Nome que designava as associações de caráter cultural, científicas ou literárias, entidades não oficiais de instrução, academias. O nome também se aplicava ao local onde ocorriam as reuniões dessas sociedades.

A partir da segunda metade do século XIX, na Europa, fundaram-se os primeiros ATENEUS LIBERTÁRIOS, dedicados

a fomentar a cultura entre o proletariado. Os ateneus foram grandes promotores da arte, da cultura e do conhecimento em geral. Neles se originaram - ainda que os interesses dominantes hoje não sejam os mesmos, no fundo as necessidades não variaram - as aspirações à dignidade do ser humano e os anseios de liberdade em confronto com uma cultura enquadrada numa sociedade autoritária e discriminatória. Atenderam à necessidade de uma entidade que levasse a cultura e o saber à rua e proporcionasse abertamente os conhecimentos e a solidariedade desejada.

Atualmente tudo concorre para a alienação do indivíduo. Multidões vivendo em cidades dormitórios, sofrendo a influência castradora dos meios de comunicação de massa a serviço das classes dominantes e do Estado. Toda uma carga avassaladora de estímulos destinadas a reproduzir, sustentar e ampliar interesses criados, atomizando os indivíduos, levando-os ao isolamento, anulando toda potencialidade criativa. Diante desse quadro, o Ateneu Libertário surge como alternativa onde temos a oportunidade de expressar nossa identidade e onde as tarefas comuns atingem seu mais alto sentido, como expressão de comunicação e entendimento, convertendo-se no lugar onde se analisam e projetam as respostas às necessidades que surgem na comunidade dos bairros e cidades.

O Ateneu Libertário é uma associação autônoma e libertária, com identidade própria, cuja organização é a federação livre e voluntária de indivíduos e grupos, com a Assembléia como órgão de discussão, debate e decisão, com cargos de contínua revogabilidade e permanente rotação. É um centro de aprendizagem e cultura libertária. Seu âmbito de atuação é público, a rua, o bairro, e a cidade. Portanto, o Ateneu oferece-nos as tarefas de informação e formação e uma participação que implica em responsabilidade nas diversas atividades. Baseia-se na cooperação e fundamentalmente no apoio mútuo e na expressão de liberdade do indivíduo e a autogestão será seu motor primordial.

Historicamente, na Europa, principalmente na Espanha, os ateneus tiveram e têm presença marcante na vida do Movimento Libertário e podem ser considerados como centros onde se expuseram, em todos os tempos, as preocupações e a prática dos militantes anarquistas. Neles convergem as tendências libertárias e as formas diferentes de interpretar a luta contra o capitalismo e o Estado, nos aspectos diversos, mas inseparáveis da mesma realidade.

Situados em diferentes bairros de cidades grandes e pequenas, foram sempre um espaço de lazer e cultura para os trabalhadores após o horário de trabalho. Ao mesmo tempo, centros de instrução destinados a substituir os valores tradicionais de uma ordem hierarquizada e dividida em classes. Centros onde se destacam os valores defendidos pelo Anarco-sindicalismo e o Movimento Libertário. Tais valores repudiavam e continuam repudiando a sociedade autoritária, apresentavam e continuam apresentando as alternativas de uma sociedade nova baseada no apoio mútuo e numa ética de responsabilidade pessoal intransferível. Isto significa assumir a responsabilidade com todos os seus riscos, a liberdade com todas as suas implicações, porque só a liberdade e a responsabilidade não delegada podem criar uma vida nova.

Nos ateneus foram tratados assuntos nunca antes tocados em lugar nenhum. O estudo da sexualidade, da natureza e do equilíbrio desta com a pessoa humana, fundamento da atual ecologia. As escolas racionalistas foram outro aspecto demonstrativo da influência, no caso, das idéias-força do Anarquismo sobre a pedagogia. Sua atualidade demonstra a importância da função dos Ateneus.

NO BRASIL - DOS ATENEUS AOS CENTROS DE CULTURA

No Brasil, considerando as variáveis próprias de lugar e tempo, o Centro de Cultura Social corresponde exatamente à função do Ateneu Libertário. Sua trajetória é adequada exatamente às

mesmas finalidades. No passado, no presente e nas perspectivas futuras.

O Centro é essencial à projeção libertária sobre a vida atual, principalmente porque dessa projeção há de se prefigurar o mundo futuro que desejamos. Queremos dizer, desde o meio em que vivemos, desde a marginalidade em que nos desenvolvemos, devemos ganhar, paulatinamente, mas sem descanso, espaços e setores de consciência e opinião, devemos aumentar em quantidade, força e intensidade a presença libertária nos bairros, distritos e municípios. Outros centros devem ser criados. Eles são o espaço dessa prática libertária generalizada que deve ir substituindo os valores viciados da burguesia e do capitalismo, penetrando profundamente na consciência social.

Devemos estar nos sindicatos e entidades específicas, mas também devemos estar nos Centros de Cultura. Ademais os centros e possíveis e futuras federações de centros terão um papel fundamental na configuração do Movimento Libertário, se conseguirmos torná-lo o catalizador de todas as forças, correntes, tendências e práticas libertárias que atuam no seio da atual sociedade. As atividades dos Centros de Cultura devem orientar-se para o aprendizado e a formação das pessoas priorizando o tratamento da ética libertária, essência de nossas atuações e esquemas organizativos.

Os Centros de Cultura são espaços de luta contra o autoritarismo existente, que se manifesta através da repressão que permeia todas as esferas de nossa vida, seja na família, na escola, no exército ou na fábrica. Quando alguém se rebela contra a ordem existente, o lugar que o espera é a prisão, o reformatório ou qualquer instituição criada para reprimir e castrar. A alternativa que surge como forma de luta é o Centro de Cultura, tentando arrebatá-lo do Estado e do capitalismo, em espaços de atuação, parcelas do seu controle, por meio de uma educação e cultura não institucionalizada, desenvolvendo uma consciência crítica, que faça dos homens e mulheres seres livres. Livres na atuação e nas idéias, sem influências estranhas ou artificiais à natureza de cada indivíduo.

À proporção que adquirimos conhecimentos sentimo-nos mais livres. A grande força criadora do homem está no conhecimento. Conhecer é vencer obstáculos, é abrir espaços à liberdade. Sabem muito bem todos os poderosos que o saber liberta, e por isso querem regulá-lo, para por esse meio manietar mais facilmente o espírito humano. Cultura a meias, conhecimentos bitolados, doutrinas oficiais, programas pré-estabelecidos segundo os interesses do Estado, controle total de todos os institutos e escolas de todos os níveis, destinados a reproduzir o sistema de privilégios em que vivemos, sempre usando medidas para evitar que o povo possa aquilatar a miséria moral e a mediocridade dos que governam.

Os Centros de Cultura hoje, como os Ateneus Libertários, ontem, são a resposta. Desenvolvendo atividade social, no apoio às lutas das comunidades (ensino, ecologia, saúde, educação...) participando sempre a favor da autogestão e contra a manipulação de partidos políticos. Incentivando a cultura e a educação libertária, organizando palestras, cursos, festas, cinema, teatro, bibliotecas e tudo o que a criatividade num espaço não reprimido possa germinar.

Nossos Centros são freqüentados por muitas pessoas em busca de informações e conhecimentos, que não são anarquistas. Pessoas que começam a ter contato com idéias e novas formas de relacionamento humano, que poderão, com o tempo, integrarem-se ou não ao Movimento Libertário. Daí a necessidade de um Movimento Específico, onde participem somente os militantes, - pessoas com idéias e convicções definidas - que sem deixar de participar nos Centros, possam de maneira organizada e solidária articular-se na esfera das necessidades específicas.

Atividades em 2001 no CCS



15 de setembro de 2001.
"Formação e Corrupção dos círculos culturais" a
profa. Yollanda L. dos Santos



29 de setembro de 2001.
"Poder e Identidade na
Antropologia"



06 de outubro de 2001.
"Serra do mar: a fala sagrada dos que resistem"
Júlio Aprigio, Vera Pontes e Elson Macció

Sobre Partido, Vanguarda e Classe...

CURTAS & ... GROSSAS

É muito comum, em nosso meio, uma certa confusão sobre às noções de partido, vanguarda e classe, de tal maneira que nos despertou o desejo desta pequena nota. É preciso dar às palavras aquilo que a elas pertence: seu contexto, sem o qual o significado se perde sob o peso do jargão. Não se trata de mera questão de semântica, é que as lutas políticas e sociais têm sua tradução lingüística de tal maneira que a mentalidade de uma época reflete-se em seu léxico e estabelece relações entre o estado de uma sociedade em dado momento e seu vocabulário social.

É assim que falar em partido em 1789, em 1848 ou em 1869-1872, não designa, nem de longe, o mesmo que hoje em dia ou mesmo durante as primeiras décadas do séc.XX. O termo não significava uma organização política como tal se conhece, com sua hierarquia, sua disciplina de quartel e sua orientação parlamentar. Ser um "homem de partido" era simplesmente possuir uma opinião política firme, aquele que "toma partido": o "partido operário" em 1848 não refletia uma organização, mas todo aquele que tomava partido em defesa dos interesses operários; o mesmo para os republicanos, conservadores, etc. Nada unia esses partidários além de suas tendências e aspirações comuns e isso explica o porquê do uso rotineiro da palavra partido por anarquistas do porte de Bakunin e Malatesta: tratava-se de fazer os operários tomarem partido do anarquismo, ou ganhá-los para nosso partido, etc. A evolução da noção na sua direção em que hoje se conhece se dá após 1872 onde, senão exclusivamente, mas sob a grande influência da Social Democracia alemã e do marxismo, desembocaria na nefasta noção leninista de "quadro", "profissionalismo" e "militantismo": a partir daqui, partido tornar-se-á o sinônimo destas grandes máquinas políticas onde a centralização sufoca a iniciativa, onde os chefes dissolvem as oposições e onde a classe profissional afasta seus militantes, lançando-os na esterilidade eleitoreira: ao votar, o eleitor joga no fundo da urna, juntamente com seu voto, sua liberdade e dignidade, é agora o escravo de uma oligarquia que diz querer o socialismo. Depois desse envenenamento da noção de partido pelo "socialismo real", não se pode falar de "partido anarquista" sem gerar considerável confusão e lançar contradição entre os termos.

Se partido foi excluído do léxico libertário, vanguarda, por sua vez, nunca nele esteve. Sua etimologia - *avant-garde* - pode designar, a miúdo, os precursores de um movimento cultural, artístico ou científico, porém em campo político ela traduz a rançosa superstição autoritária do grupo "mais consciente", detentor do conhecimento das leis universais históricas que os fazem capaz de guiar as massas semiconscientes rumo à revolução (leia-se ditadura!). Essa concepção jamais encontrou acolhida entre os anarquistas,

com algum esforço o leitor poderá constatar que desde Godwin, em sua investigação escrita em 1793, passando por Proudhon, em sua primeira memória sobre a propriedade de 1840, ambos negaram qualquer idéia de intermediação e representação política; e será mais tarde, com Bakunin e Malatesta, que a idéia de vanguarda será sistematicamente repelida e identificada como uma idéia autoritária própria aos messias do socialismo. Deve-se observar que os anarquistas pensaram e fomentaram as pequenas sociedades, os grupos de afinidade e, enfim, o que se pode chamar de as "minorias revolucionárias", que nada têm a ver com vanguarda. Somos minorias porque as multidões nos sufocam e porque é nas minorias que o indivíduo encontra maiores condições de desenvolver suas potencialidades; não é que sejamos minorias hoje e queiramos ser maioria amanhã, coisa que se consegue apenas por meio de golpes e tomadas de poder. Permaneceremos minoria, por mais que queiramos persuadir a maioria de nossas idéias, mas porque essa centralização demográfica é ainda uma forma de dominação, porque o chamado "homem-massa" é peça fundamental desse estado de coisas que apenas o federalismo e a sociabilidade entre as diversas minorias porá fim.

Por fim, queria dizer que (ab)usa-se do termo "classe" de uma maneira um pouco dogmática; deve-se saber que o anarquismo não é um movimento classista, na verdade ele nunca o foi. Não o poderia ser, pois classe é um termo demasiadamente ambíguo e abstrato; é usado, todavia, como se possuísse realidade e racionalidade em si (isso é o que postulava Marx e que Bakunin tratou de desmistificar). O que é classe, afinal de contas? Quais seus critérios de pertencimento? Que conclusões se tiram deles? Nos perderíamos em noções vagas querendo explicar realidades muito concretas e complexas da vida social através de um termo que possui mesmo um certo germe de autoritarismo. Dividir a humanidade em classes é perpetuar sua dominação, por isso é preciso postular que o anarquismo é um sentimento de liberação que pertence a quem dele tem vontade: vontade de liberação, vontade de ação, vontade de criação, são esses sentimentos caros ao anarquismo que se encontram lá onde quer que a dominação provoque a revolta, lá onde a vida é diminuída.

À guisa de conclusão, gostaria de dizer que muito se perde nessas vagas "literárias" provocadas ora por ignorância ora por astúcia daqueles desejosos em querer "unir" anarquismo e marxismo. Seja como for, digo que segue impossível tal união teórica pois trata-se não de teoria, mas de prática, de atitude: de uma atitude autoritária a qual se quer "promover a liberação por meio do Estado" e aí se recorre às práticas já conhecidas pela experiência histórica; outra, de uma atitude libertária que quer "provocar a liberação contra o Estado". Seria mais honesto declarar-se francamente autoritário e aceitar os encargos de que disso resulta; como de nossa parte declaramo-nos francamente anarquistas.

Nildo Batata

NOSSA PROGRAMAÇÃO CULTURAL
1º SEMESTRE DE 2002

As atividades desenvolvidas pelo Centro de Cultura Social têm como objetivo a divulgação e a promoção da cultura como meio de criação de valores éticos imprescindíveis para o estabelecimento de novas práticas sociais; o seu método é a livre discussão e o debate aberto. No CCS seus sócios e amigos podem encontrar um ambiente descontraído onde a cultura não constitui patrimônio de poucos, onde questões sociais complexas podem ser debatidas, apreendidas e compreendidas numa linguagem que não concorre para exclusão dos seus maiores interessados: aqueles em que a cultura é obstruída por toda forma de empecilho.

Esperamos sua presença. ENTRADA FRANCA!

11/05, às 16:00h

Inauguração da Nova Sede com Leitura Dramática do monólogo:
"O último programa de Cubanacan", com Chico Cuberos, autoria e direção de Alberto Centurião.

18/05, às 16:00h

Vídeo-Debate com o filme:
"Queimada!", do diretor Gillo Pontecorvo. Drama político de 1969.

25/05, às 16:00h

Lançamento da Revista "VERVE"
do Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP.

08/06, às 16:00h

"A nova(?)" Política norte-americana para América Latina.
Debate com José Carlos Morel, físico e filósofo:

15/06, às 16:00h

Poder e Direito: mecanismos de adaptação social.
Debate com Rosana Florido, socióloga e graduanda em Direito.

22/06, às 16:00h

Lançamento do livro:
"Três Depoimentos Libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero e Diego Giménez Moreno".
Editora Achiamé.

29/06, às 15:00h

Assembléia Anual dos Sócios.